

## **NARRATIVAS QUE NATURALIZAM VIOLÊNCIAS: REFLEXÕES A PARTIR DE ENTREVISTAS COM HOMENS SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

**NARRATIVES THAT NATURALIZE VIOLENCES: REFLECTIONS FROM INTERVIEWS WITH MEN  
ABOUT GENDER VIOLENCE**

**Adriano Beiras**

Professor Adjunto, Doutor Europeu em Psicologia Social,  
Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil  
adrianobe@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-1388-9326>

**Mateus Pereira Benvenuto**

Graduado em Psicologia Universidade  
Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil  
mpbenvenuto@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-1463-5846>

**Maria Juracy F. Toneli**

Professora Titular, Doutora em Psicologia Escolar e do  
Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo.  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil  
juracy.toneli@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-9311-5020>

**Camila Maffioletti Cavaler**

Mestranda em Psicologia, Universidade  
Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil  
camilamaffioletticavaler@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-2417-8017>

### **RESUMO**

Este artigo versa sobre a construção de subjetividades, masculinidades e violência contra mulheres. O estudo reflete acerca da associação entre violência e masculinidade nas narrativas de homens. Nossos eixos teóricos são os estudos de gênero e as teorias feministas de base construcionista social e pós-estruturalista. O material foi obtido por entrevistas em profundidade com homens acusados e não acusados de exercer violência de gênero. A partir de sua transcrição e codificação, foi analisado tomando como base o estudo de narrativas (temática e estrutural). A violência de gênero aparece associada a significados sobre a posse da mulher, diferenciações de gênero relacionadas a racionalidade e emoção, dominação e culpabilização da mulher pela violência. Como conclusão, destacamos a importância de problematizar significados que contribuem para sustentar e reproduzir as violências de gênero ao intervirnos de forma comunitária e/ou institucional, em especial aquelas legitimadas por masculinidades tradicionais nas quais a violência parece ser parte constituinte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Masculinidades. Gênero. Feminismo. Narrativas.

### **ABSTRACT**

This article conveys on construction of subjectivities, masculinities and violence against women. The study reflects on the association among violence and masculinity in the narratives of men. Our theoretic axis are gender studies as well as social constructionist and post-structuralist based feminist theories. The research material was obtained by means of in depth interviews with men both accused and not accused of exerting gender violence. After transcribing and codifying, the data was analysed through narrative studies (thematic and structural). Gender violence appears associated with signifying on the ownership of women, gendered double standards on rationality and emotion, domination and the blaming of women for the violence against them. As conclusions, we highlight the importance of problematizing significations that contribute to sustain and reproduce gender violence as we intervene in communities and/or institutions, especially those legitimized by traditional masculinities in which violence seems to be a constitutive part.

**KEYWORDS:** Violence. Masculinities. Gender. Feminism. Narratives.

# 1 INTRODUÇÃO

Ao pensarmos as práticas de trabalho no enfrentamento das violências de gênero inspiradas pelos princípios da crítica pós-estruturalista, tanto no que se refere a teorias de gênero e feminismos, quanto a intervenções psicossociais em comunidades e instituições públicas, o estudo de narrativas e da linguagem pode ser uma importante ferramenta para problematizar a violência, principalmente a centrada no trabalho com homens autores de violência contra mulheres.

Este artigo busca desenvolver reflexões críticas, sem a intenção de produzir generalizações, tomando como base o material obtido em uma pesquisa qualitativa que foca o estudo de narrativas relacionadas aos processos de produção de masculinidades nos cenários ocidentais urbanos, incluindo aqui o que se pode chamar de uma “subjetividade produzida para os homens”, parodiando Joan Scott (GROSSI; HEILBORN; RIAL, 1998) quando se refere às mulheres. Espera-se que as análises aqui produzidas possam auxiliar profissionais e serviços que venham a desenvolver intervenções com homens autores de violência de gênero, considerando a necessidade de literatura específica que possa dar base a práticas reflexivas para com este público.

Ao acompanharmos as várias formas de masculinidades associadas ao tema da violência masculina contra mulheres e também contra homens, podemos identificar significados que, embora atravessem campos discursivos distintos, denotam naturalizações e essencializações da relação entendida como naturalmente estreita entre masculinidade e violência. Objetiva-se pensar questões que auxiliem no trabalho com autores de violência de forma a intervir mais efetivamente, produzindo maior implicação tanto destes homens quanto dos profissionais envolvidos em promover mudanças subjetivas e, portanto, sociais sobre relações não equânimes de gênero, relações de poder, bem como violências no casal e relacionadas ao gênero.

## 2 (RE) PENSANDO TEORIAS: BASES EPISTEMOLÓGICAS PÓS-MODERNAS NA COMPREENSÃO DE NARRATIVAS

Como ferramentas teórico-epistemológicas que comporão esse estudo, propomos o uso de determinadas epistemologias feministas pós-estruturalistas (BUTLER 2006, 2016a, 2016b; NOGUEIRA; NEVEZ; BARBOSA, 2005), o construcionismo social e o estudo de

narrativas, como relevantes bases para trabalhar a temática da violência no casal, assim como no trabalho comunitário, individual e grupal com autores de violência contra mulheres. Sobre o construcionismo social, tomamos como principais referências desta perspectiva os escritos de Vivien Burr (1996), Kenneth Gergen (1999), Mary Gergen (2001), Kenneth Gergen e Mary Gergen (2010), Tomás Ibañez (2001) e também Conceição Nogueira, Sofia Neves e Carlos Barbosa (2005), principalmente o que se refere à relação do construcionismo social com os estudos de gênero e feminismos. Esta perspectiva epistemológica parte de alguns princípios básicos epistemológicos, como: a ideia de que construímos o mundo; a linguagem como produtora de realidades; o que aceitamos como óbvio pode ser questionado; a verdade é derivada de modos de vida compartilhados dentro de um grupo e não há uma única verdade absoluta e legitimadora.

Baseado nos autores citados acima, o movimento construcionista social mostra-se coerente com este estudo na medida em que parte de uma crítica à psicologia positivista e moderna, trazendo ideais pós-modernos para a pesquisa. Sugere que o conhecimento é sustentado por processos sociais, históricos e culturais, onde o significado da linguagem é derivado de padrões de relacionamentos. Este movimento nos convida ao pluralismo, ao antiessencialismo. A linguagem é considerada como ação social, motivo pelo qual centramos neste estudo em narrativas e seus significados possíveis. A construção de realidades acontece a partir da linguagem, da forma que ela é usada e significada, produzindo subjetividades através de narrativas. O olhar está sob o processo de interações, particularidades e formas de significar, a partir de como descrevemos nossas experiências.

Seguindo a perspectiva pós-moderna do construcionismo social, o gênero é entendido por Nogueira, Neves e Barbosa (2005) como uma ideologia onde se criam diferentes narrativas, como uma construção social ou um sistema de significado que se constrói e se organiza nas interações, e que governa o acesso ao poder e a determinados recursos. Judith Butler (2006, 2016a, 2016b) agrega ao conceito de gênero um caráter performativo e normativo, em meio a relações de dominação e de poder. Pensando na pluralidade de feminismos que compõe a teoria feminista, os estudos pós-estruturalistas dão especial ênfase à linguagem, a rede de significados, relações de poder e desconstrução de dicotomias entre masculino e feminino (BEIRAS et al. 2016).

São esses estudos que impulsionam um novo paradigma para pensar as masculinidades. Mas diferente do que aconteceu com as mulheres que perceberam a necessidade de se reinventar devido às desvantagens sociais que lhes eram atribuídas, novos modelos de masculinidades precisaram ser adotados devido, não a uma insatisfação

pessoal dos homens, mas a uma mudança nos estereótipos e posições adotadas por mulheres (ROCHA-COUTINHO, 2006). Connell (1997), defende que um símbolo só pode ser compreendido a partir da teia relacional de símbolos que o cercam, com isso, a autora quer dizer que nenhum modelo de masculinidade surge sem estar relacionado com o sistema gênero.

Além das contribuições para pensar o sistema de gênero, as pesquisas feministas e as teorias sociais críticas foram responsáveis por tensionar certas “verdades” facilmente dadas pelo modelo de ciência positivista. Estes estudos levaram à conclusão de que não existem verdades inquestionáveis ou universalizantes, mas sim narrativas transpassadas por ideologias que mantêm o status quo e restringem o acesso de grupos/sujeitos produzindo hierarquias sociais (ROCHA-COUTINHO, 2006). Logo, masculinidades e feminilidades ou homens e mulheres, não são objetos coerentes sobre o qual se pode produzir um conhecimento generalizado, afinal, não estão isolados, mas fazem parte de uma estrutura social (CONNELL, 1997).

Diante disso, buscamos nos debruçar sobre o estudo das narrativas, entendendo que as subjetividades são construídas e desconstruídas a partir delas, ou seja, do que vivemos e narramos sobre nossas vidas (HOLSTEIN; GUBLIUM, 2000; GOOLISHIAN; ANDERSON, 2004; RIESSMAN, 2008). Assim, a subjetividade se constitui pelos significados e contextos de fala, por meio da interação social, da comunicação dialógica, do contar e narrar experiências (HOLSTEIN; GUBLIUM, 2000). A narrativa é, portanto, um processo dialógico entre sujeito, mundo e o próprio sujeito que produz, nesta interface, a subjetividade. Através de uma série de narrativas e histórias que contamos construímos nossa subjetividade, balizadas por ideologias, relações de poder, interações sociais, contexto sociocultural, produzindo ações e realidades a partir disso.

Em nossas interações construímos nossa subjetividade, nosso “eu” (HOLSTEIN; GUBLIUM, 2000), ou seja, a narrativa é um “processo social de inteligibilidade mútua” (CABRUJA; IÑIGUEZ; VÁZQUEZ, 2000, p. 66, tradução nossa). Dito isso, é possível sugerir que os participantes em suas narrativas constroem eventos e ações pessoais que reivindicam identidades e constroem suas vidas (RIESSMAN, 1993). As narrativas são compreendidas como ações que constituem, mantêm e atualizam a realidade e sustentam certas modalidades de ordem social. Neste sentido, as narrativas, em um contexto dialógico onde se compartilham visões, reflexões e experiências sobre o cotidiano e o mundo vivido, configuram-se como um importante instrumento para o estudo aqui proposto.

As narrativas pessoais, as histórias pessoais, os contos e as memórias vividas constituem valiosos materiais para explorar e entender a construção de subjetividades. Estas práticas narrativas e discursivas são produzidas em contextos sócio-históricos e categorias como gênero, sexo, classe e raça. A exemplo, no estudo proposto por Adriano Beiras (2012) baseado em narrativas, é enfatizado como a construção de subjetividades de homens tem usualmente como pilar a legitimação da violência, como forma constituinte de um “verdadeiro” masculino ou “homem de verdade”.

Considerando estas contribuições, contextualização e localização teórica e epistemológica das quais partimos neste estudo, seguimos para a metodologia, com atenção especial à coerência com os aspectos teóricos propostos.

### **3 METODOLOGIA DO ESTUDO**

Este estudo é derivado de uma pesquisa qualitativa que está centrada na análise de narrativas (RIESSMAN, 1993, 2008). Neste texto foi elaborado um recorte proveniente de pesquisa maior, centrado nos homens entrevistados que foram ou não acusados de exercer violência contra a mulher e não são profissionais que trabalham especificamente com violência de gênero. Busca-se obter uma análise aprofundada de suas narrativas em coerência com as bases teóricas escolhidas para o estudo, e pensar questões e reflexões críticas direcionadas à atenção psicossocial de casos de violência de gênero contra mulheres.

Os entrevistados foram escolhidos por facilidade de acesso, sendo os contatos deles passados por colegas dos/as pesquisadores/as ou profissionais de serviços preocupados com violência de gênero. Tal abordagem se justifica na medida em que não há pretensão em produzir generalizações partindo dos dados coletados, mas sim em refletir sobre a temática partindo de narrativas concretas. Neste sentido, as entrevistas, de duração livre (variando entre 45 minutos e 1 hora e 30 minutos) e realizadas em um único encontro com cada participante, seguiram um formato semiestruturado com técnicas de entrevista em profundidade, tendo pesquisador-entrevistador posse de um roteiro de perguntas disparadoras e permitindo-se explorar mais a fundo assuntos não previstos, mas que poderiam se mostrar pertinentes à pesquisa. O roteiro estava dividido em apresentação (características pessoais), história pessoal (infância, primeiros relacionamentos amorosos, relação de casal e familiar), vivências de violências (episódios de agressão) e

masculinidades e violência (perguntas sobre gênero e masculinidades, relações entre violências e ser homem, o que é considerado violência e em que situações, etc).

O material foi transcrito integralmente, organizado, recortado em narrativas temáticas, análise temática com base nos escritos de Riessman (1993, 2008) e posteriormente analisado a partir de análise estrutural de narrativas e de significados, também a partir da metodologia proposta por Riessman (1993, 2008). Elegemos aqui, focar a discussão em duas entrevistas com homens brasileiros analisadas em profundidade e discursivamente. Além destas, outras quatro entrevistas foram realizadas para o mesmo estudo, todas com profissionais que trabalham ou trabalharam com intervenções com homens autores de violência contra mulheres, duas delas no Brasil e as outras na Espanha<sup>1</sup>. Optou-se por utilizar apenas as duas escolhidas para este texto para focar nas narrativas, sendo as outras entrevistas preocupadas em explorar como se dão as intervenções e as bases teóricas utilizadas pelos profissionais.

De acordo com Peter Emerson e Stephen Frosh (2009), o estudo de narrativas se centra em um reduzido número de sujeitos. Busca uma análise cuidadosa, detalhada e minuciosa de um número de narrativas, sem a intenção de generalização. No entanto, explora e dá atenção a aspectos críticos relacionados ao contexto e a interação social. Focaliza-se em detalhes da narrativa (RIESSMAN, 2008) que apontam reflexões críticas sobre discursos dominantes e suas relações com a subjetividade e relações de poder na sociedade.

A abordagem das narrativas utilizada neste estudo entre as várias existentes, de acordo com Catherine Kohler Riessman (1993), trata de observar como o/a narrador/a impõe uma ordem em sua experiência, em sua sequência narrativa, de maneira a dar sentido aos eventos e ações da sua vida. Desta forma, buscamos analisar e estudar como o narrador faz uso da linguagem, dos recursos culturais e persuade o ouvinte com relação à autenticidade de sua narrativa. Considerando que a narrativa pessoal necessita uma estrutura para sustentar-se, observa-se que os eventos se tornam significativos de acordo com o lugar que ocupam na narrativa.

São diversos os tipos, conceitualizações e possibilidades do estudo de narrativas (EMERSON; FROSH, 2009; RIESSMAN, 1993, 2008). Neste artigo, tomamos como base principalmente os estudos de Riessman (1993, 2008) e de Emerson e Frosh (2009), adaptando à perspectiva epistemológica escolhida e à literatura específica da temática

---

<sup>1</sup> Para mais informações ver Beiras, et al. (2016).

estudada. A partir daquela autora, definimos narrativa como uma história breve e temporariamente organizada que responde à pergunta do entrevistador/a ou uma conversa estendida que se organiza por caminhos complexos, flashbacks ou um episódio. O termo narrativas reserva-se para uma unidade limitada de expressão, em lugar de uma biografia completa (RIESSMAN, 2008).

Portanto, a análise narrativa oferece uma metodologia particularmente sensível à construção de significados, de processos sociais e suas relações com a construção de narrativas pessoais (Emerson; Frosh, 2009). Trata-se também de uma metodologia utilizada em contextos interdisciplinares, promovendo reflexões qualitativas e discursivo-críticas sobre diversos temas, integrando diferentes formas de coleta e conhecimentos de diferentes áreas. Phillip Hammack e Andrew Pilecki (2012) defendem que os estudos de narrativas são um tipo de estudo potencial e relevante para ampliar a voz de uma psicologia mais politizada, que ofereça novos conhecimentos para a complexidade e para o dinamismo das relações entre os contextos e a mente. No setor da violência contra mulheres entendemos que estes aspectos políticos e sociais são de extrema importância.

Explorar, questionar e transformar, desconstruir as bases que sustentam e reproduzem a violência de gênero, bem como a construção de masculinidades que autorizam e legitimam violências são os desafios que podemos encontrar no trabalho individual e grupal com autores de violência contra mulheres. Estes aspectos não podem passar despercebidos, ser naturalizados, reduzidos ou simplificados. Buscou-se discutir os dados com a literatura específica (principalmente os estudos de gênero pós-estruturalistas e pós-modernos). A análise se desenvolve sem a intenção de produzir generalizações, como já especificado, e sim reflexões críticas, de forma a propor recomendações e reflexões para os âmbitos interventivos e assistenciais, contemplando também os estudos anteriores realizados por um dos autores, principalmente o doutoral. Com respeito aos procedimentos éticos na coleta de dados, foi elaborado um termo de consentimento livre e esclarecido, lido, explicado, dialogado com os participantes e finalmente firmado.

### **3.1 BREVE DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES**

Luiz<sup>2</sup> é um homem de 44 anos, trabalha na portaria da emergência de um hospital de grande porte no período noturno, é funcionário público e mora em uma capital do sul do

---

<sup>2</sup> Os nomes dos participantes são fictícios, preservando anonimato, de acordo com as recomendações sobre ética em pesquisa com seres humanos.

Brasil. Tem dois filhos que cria, do seu casamento atual, e um terceiro de antes do casamento com quem não tem contato. Ele foi acusado de violência cometida contra sua esposa e admite que a agressão ocorreu, mas constantemente se defende alegando ter agido de tal forma em virtude de uma violência continuada que sua esposa causava em seu filho menor. Luiz percebe que a violência física não é a melhor saída para conflitos intrafamiliares, alega que “na conversa ou num bate-bocazinho... mínimo ali, que cortou por ali, deu, acabou, morreu, enterrou, deu... pra mim é bem mais tranquilo do que... discutir até tal ponto de chegar... a se pegar e coisa”, mas mostra dificuldades em romper com o ciclo de violência. Segundo ele, é difícil manter diálogo com sua esposa, pois “ela acha que tem que ser tudo como ela quer ou como a palavra dela”.

Alfredo tem 32 anos, é estudante de enfermagem, formado em biologia e bombeiro concursado, trabalha em uma cidade de médio porte no sudeste do país. Ele valoriza muito a intelectualidade e o estudo, enfatizando bastante questões relacionadas a este aspecto em sua narrativa. Por exemplo, mais de uma vez diz que, apesar da baixa escolaridade dos pais, conseguiram garantir que ele próprio estudasse, ou quando afirma que a escolaridade é importante para a resolução de conflitos através do diálogo. Alfredo, logo no início da entrevista, afirma não gostar de mentiras “no sentido de que se você tem um comprometimento comigo... [...] em... relação a palavra, você tem que cumprir se não eu fico... muito bravo em relação a isso”. Apesar disso, Alfredo afirma ocasionalmente trair suas parceiras com outras mulheres, entrando em certa contradição com relação ao que relata sobre a mentira.

#### **4 CULPABILIZAÇÃO DA MULHER, RACIONALIDADE E POSSE**

Ao analisar as narrativas de forma ampla e no uso de palavras específicas para descrever os fatos e relações vividas, ambos os entrevistados apresentam elementos em suas narrativas que podem indicar uma compreensão de uma racionalidade absoluta (SEIDLER, 2000). Isto se evidencia na repetição de palavras chave e no que eles sugerem como um método ideal de resolução de conflitos (RIESSMAN, 2001). Várias vezes Luiz repetiu a palavra “cabeça”, dizendo que sua esposa “perde a cabeça” quando discute com ele ou com o filho ou quando fala que é importante que os homens autores de violência contra mulher “trabalhem a cabeça” em grupos. Alfredo diz que se “polícia” para evitar que tome determinadas ações que são de seu desejo, mas que ele não considera éticas e acaba por repetir bastante o uso do termo, no decorrer das entrevistas. Tanto “cabeça” quanto

“policia” trazem uma ideia de racionalidade, um aspecto intelectual. “Cabeça” por claramente ser à central da racionalidade e do pensamento complexo e “policia” por uma questão de lutar contra os próprios desejos em favor de um comportamento policiado, aprovado, pensado ou arquitetado pelo sujeito.

Os dois também trazem a questão da culpabilização da mulher pela violência sofrida (BEIRAS, 2012; GELDSCHLÄGER; GINÉS; PONCE, 2011), onde segundo eles o homem precisa sacudi-la e acalmá-la quando ela “perde a cabeça”. Luiz justifica sua própria agressão argumentando que protegia seu filho ou a si próprio, mas, para ele, a agressão de sua esposa se caracteriza como algo irracional, incontido e descontrolado. Ele, repetidas vezes, afirma-se enquanto “antiviência” e que

Luiz: É, sempre que ela... sempre que ela ficava braba com ele ou... com a criança. Daí ela... ela não consegue ter um controle, daí quando ela fica nervosa ela... ela sai do controle dela daí... provavelmente já fica...

Entrevistador: E como é o teu... o teu controle?

L: Ah, eu sou... eu vou controlando o máximo que der, né? Eu não gosto de bater, eu... só seguro, eu evito o máximo. Seguro ela, tento proteger ele segurando ela, me protegendo. Evitando o máximo ter que bater. Até porque eu não fui educado pra isso, né? Minha mãe não educou “ah, deixa pra bater se alguém bater em ti, seja homem, seja mulher, bate”. Não fui educado pra isso. (Luiz)<sup>3</sup>.

Esta narrativa provoca reflexões sobre o exercício do controle e seus impactos relacionais e de gênero. O controle para ele parece estar relacionado ao controle dele sobre sua esposa, embora ele fale também do controle dele sobre ele próprio, quando questionado na entrevista. Sobre seu controle, ele relaciona com sentidos relacionais familiares, de como ele foi educado e sobre proteger o filho. Isto nos remete a possíveis discussões com a literatura do campo de masculinidades e violências, a dominação masculina (Bourdieu, 2003) e micromachismos (BONINO, 2004, 2008).

Alfredo, quando questionado acerca de porque acha que ocorre violência conjugal de gênero, afirma que

Alfredo: talvez a mulher... ela dê um pouco de abertura pra isso...

Entrevistador: Em que sentido?

A: Pra o homem agir com violência física... porque no tom da voz, o jeito de falar, o homem já... não só o homem mas qualquer pessoa... já/ já tem ideia de até onde pode ir... e se a mulher ela... age com muita... eh, submissão

<sup>3</sup> Na adaptação da fala para a escrita, utilizou-se a seguinte simbologia: / significa interrupção do fluxo da fala; [indicam falas sobrepostas; = indica continuação de uma fala sobreposta; ((texto)) indica comentários do transcritor; ... indica silêncio ou pausa. Optamos por esse sistema e por manter termos característicos da linguagem falada a fim de ilustrar o mais fielmente possível as entrevistas.

[...] no sentido de fazer tudo o que o homem... queira que ela faça... entendeu, em todos os sentidos... ela depender única e exclusivamente do homem... eu acho que se ela se submete/ se ela tá nessa... nesse... se ela tem essas características... o homem se sente dono dela. (Alfredo).

Neste sentido, Alfredo discursivamente parece acabar por culpabilizar as mulheres pela violência que sofrem, aspecto explicativo naturalizado no senso comum e também em grupos de homens autores de violência (QUINTEROS-TURINETTO; CARBAJOSA-VICENTE, 2008), usualmente sustentado por visões machistas e explicações limitadas e lineares. Em sua fala, um homem poderia se sentir no direito de cometer agressões contra alguma mulher se ele perceber a dependência e submissão a que o entrevistado se refere. Ele coloca que essas características indicam aos homens quando eles são “donos” de determinadas mulheres e, assim, poderiam com elas fazer o que quiserem. Nesse ponto, ao mesmo tempo que desconstrói certo sentido de individualidade na violência conjugal entendendo a posição que a mulher ocupa como coparticipante da dinâmica de violência, Alfredo parece individualizar a violência, depositando no comportamento passivo da mulher a responsabilidade por uma suposta permissão ao comportamento violento do homem. Desse modo, pode acabar por deixar de refletir sobre questões sociais que possam vir a influenciar tanto a postura da mulher, quanto do homem.

Podemos também destacar que, para Alfredo, a mulher se submete à violência por ser submissa, por “dar abertura”, evocando a mulher enquanto agente que se submete. As interpretações sobre a narrativa de Alfredo nos remetem a temáticas já expostas por autoras/es como Joan Scott (1995), quando ela afirma que no sistema de gênero espera-se que a mulher seja entendida como uma caça e o homem como um caçador, em alusão a passividade esperada dos estereótipos de feminilidade. Ou ainda nos escritos de Connell (1997) que afirma que comportamentos e emoções que sugerem dominação são atribuídos a ideais de masculinidades. Mas também podemos citar Seidler (2009) que relembra o atributo histórico de disciplina dos homens (pais/companheiros) sobre as mulheres que usaram, e ainda usam de violência, como forma de controlá-las.

Quando contestado acerca de porque ele acha que mesmo mulheres independentes em todos os sentidos sofrem violência de seus parceiros, Alfredo traz o seguinte:

eu acho que ainda assim elas dão margem... se o cara bate mais de uma vez... ela dá margem pro cara bater... o cara sente a fraqueza... dela, ela deixa uma determinada fraqueza... ela deixa transpassar uma fraqueza em determinada área... ela/ talvez ela goste... até de determinada coisa... entendeu, e o homem observa isso... (Alfredo, grifos nossos).

A narrativa de Alfredo nos traz uma questão para reflexão sobre homens e masculinidades: poderiam ser alguns homens entendidos metaforicamente como “lobos” que farejam a fraqueza em suas presas e encontram essa brecha para que possam libertar suas pulsões animais? Seria isso comum ou corriqueiro no mundo de construção de masculinidades e do ser homem? Estariam muitos homens procurando essa fraqueza, observando atentamente sua parceira a fim de explorar cada brecha que ela dê? O que dá ao “cara” o direito de cometer violências contra sua parceira quando “sente a fraqueza”? Ou seria essa narrativa mais uma, entre tantas, que tem como função social estabelecer códigos de masculinidades ligados a violência? São estas reflexões pertinentes para procurarmos entender os significados de gênero e construções culturais sobre masculinidades implicados nestas narrativas e suas relações com vulnerabilidades, mulheres e violências.

Em outro trecho da narrativa de Alfredo traz mais uma narrativa sobre fraqueza, mas em um diferente contexto:

Entrevistador: Em algum momento da sua vida você se sentiu pouco homem?

Alfredo: Sim.

E: Quando e por quê.

A: Eu acho que quando... eu terminei o namoro que eu me senti que eu... corri atrás intensamente de uma pessoa, eu acho que isso aí... prum homem significa... fraqueza... que isso às vezes quem faz é mulher... quer dizer, não é quem faz é mulher, mas... quem faz mais é mulher... de você correr atrás, de você chorar, de você...

E: E você fez isso?

A: Já, já fiz isso... aí eu me senti um pouco fraco quanto um homem, assim... é isso.

Ao dizer que para um homem “correr atrás intensamente da pessoa” e chorar são sinais de fraqueza, podemos relacionar o significado da expressão com uma ligação do que Alfredo chama de “fraqueza” e a concepção cultural de sentimento. Ele afirma que essas características seriam de “mulher” e que apresentar características femininas mostra a fraqueza de homem. Podemos talvez supor que no trecho anterior, quando Alfredo se refere a “fraqueza” sem defini-la, ele parte desta mesma concepção. Assim, uma mulher fraca seria uma mulher que demonstra sentimento, que corre atrás e chora, esta é a mulher que estaria sujeita a apanhar de seu cônjuge: uma mulher que sente.

Deste modo, Alfredo mostra que a emoção é usualmente e culturalmente significada tanto uma característica feminina quanto um sinal de que a mulher emocionada deve ser controlada externamente. Neste sentido, Luis Santos e Conceição Nogueira (2011)

mostram que há uma natureza generificada da expressão emocional, ou seja, criamos contextos interacionais onde os homens não são ensinados a falar de suas emoções por entenderem que isso implica em vulnerabilidade. Eles estão assim autorizados apenas a expressar algumas emoções, como a ira, trazendo um recorte e divisão de gênero à expressão emocional. As mulheres, assim, estariam mais sujeitas a perderem o controle, por estarem mais propícias a expressão emocional variada. Isso se explicita no trecho já trabalhado de Luiz, que afirma ter que controlar sua esposa quando esta “perde a cabeça”, e neste excerto da entrevista de Alfredo:

Alfredo: Um dos pontos que eu acho que facilitou pra que terminasse... foi o fato de que ela tem uma doença chamada doença de Crohn... né, que é uma doença que acomete todo o intestino e que... vai definhando a pessoa com o tempo, não tem cura, é uma doença autoimune... e eu vi ela numa situação muito ruim de saúde... e/ e os médicos falavam que a/ que nessa doença ela não poderia fumar e não poderia usar anticoncepcional, essas coisas, né, junto... que zoava mais o intestino dela ainda e ela ficava mais mais ainda e poderia até morrer... e... aí o que que acontece... só que até então eu não sabia que ela fumava... foi numa das idas que vi, que eu fui pra lá e... ela pegou um cigarro e fumou e... falei assim "nossa, mas você fuma?"... e a gente já tava meio junto... e... e aí foi assim ó... "você/ não quero que você fuma, meu"... aí ela "não, vou tentar parar, tudo bem", etcetera e tal... aí beleza, aí resistiu por um tempo, depois de um tempo ela pegou e... foi fumar de novo... aí eu tive um ataque, cara, aí eu falei pra ela ó... "pô, Valéria... o que a gente conversou, meu?... você fumou, você me desrespeitou... você não falou que não ia fumar?... você não prometeu pra mim que não ia fumar? por que que você fez isso?... você me prometeu ontem, hoje você pegou e tirou um cigarro da bolsa de novo?", "é, eu não aguardei" (disse ela), eu falei assim "não... não é assim... você falou uma coisa você tem que tentar resistir isso daí, cara... você não vale de nada, eu saio daqui você vai e... e vai fumar quantos maços de cigarro... você... você quiser?", mas não pelo fato disso, do desrespeito, é pelo fato também de que você quer ver a pessoa... bem, você não quer ver a pessoa se definir... você tá vendo que a pessoa não tá tomando conta da saúde dela, não mais pelo fato da promessa de que não ia fumar... mais por isso... entendeu... aí esse foi um conflito que a gente teve... (Alfredo).

Aqui temos possíveis indicativos da possessividade denunciada pelo próprio entrevistado anteriormente. Ele se preocupa com a saúde de Valéria e quer ajudá-la a superar um vício prejudicial à sua saúde segundo orientação médica, mas parece acabar por tomar uma atitude violenta, mesmo que não haja agressão física. Quando argumenta que ela o desrespeitou e que ela não se cuida, Alfredo indica sentir-se no direito de regular o corpo dela, em outras palavras, indica sentir-se dono dela. Assim como Luiz, que exerceu violência a fim da proteção física de outro (seu filho), Alfredo parece fazer o mesmo, toma uma postura opressiva para com o comportamento de Valéria a fim de proteger a saúde física da própria. Dessa forma, adota uma postura de tutela sobre o comportamento da

companheira e percebe isso como legítimo, naturalizando a opressão e violência psicológica que pratica contra ela.

## 5 MASCULINIDADES E VIOLÊNCIAS

A construção da masculinidade e violências surge na narrativa de ambos os entrevistados. A força masculina é significada na narrativa como potencializadora de agressões e aspecto diferenciador em conflitos com mulheres:

Luiz: É, mais pela parte d/ de machismo, de achar que o homem é que bate, mas isso aí acho que varia d/ de... pessoa pra pessoa, né?... de caráter de, assim, enfim. Apesar que tem homem que é bem mais violento, né?... o homem quando bate é mais pesado... aquela coisa, o cara quando é violento e bate ele... não dá um tapa como uma mulher, ele já é muito mais forte, né?... acho que é por isso que... é visto nesse ponto aí, né, como mais... violento e tal.

Segundo Beiras et al (2012), a afirmação de que o homem é fisicamente mais agressivo do que a mulher está calcada no fato de que estes possuem maior força física e com isso tornam as agressões mais sérias (ou eficientes). Mas para além do recurso biológico usado pelos homens para dominação, há também atravessamentos culturais que dão inteligibilidade a essas violências. Ao discutir a construção social da masculinidade, Connell (1997) e mais tarde Connell e Messerschmidt (2013), problematizam o uso da violência pelos homens como forma de dominação sobre as mulheres e sobre outros homens. A naturalização deste comportamento e a rede de narrativas que o sustenta torna a violência masculina naturalizada, e por vezes, incentivada.

As narrativas evocadas para sustentar posições de masculinidades não se dão exclusivamente pela violência, afinal para que se tornem hegemônicas faz-se necessário que até mesmo os sujeitos por ela submetidos tornem-se copartícipes de sua produção, e isso não seria possível caso fosse empregada exclusivamente por meio de agressões físicas. “Ser homem” em nossa sociedade, também está atrelado a certas concepções moralizantes e dicotômicas de bom e mau. No caso do entrevistado Luiz, ao ser perguntado pelo pesquisador sobre o que faz o tornar-se homem, ele responde dando ênfase a palavras e expressões como “responsabilidade”, “bom pai”, “bom educador”, ou seja “fazer o bem”, como visto neste trecho:

Entrevistador: Sim. É... um ponto que a gente precisa entender pra entender essas conexões de violência e tal é o que que nos torna homem, assim...

diferente do que uma mulher... como você diria assim, o que que tornou-se o homem, pra você se entender, bã, eu sou um homem?

Luiz: Ser homem pra acho que é ser... Ter responsabilidades, ser um bom pai, um bom educador... um bom amigo, um bom vizinho, tudo. Ser um bom homem acho que é isso aí, né? Fazer o bem. Ser o bem, fazer o bem. Sempre que [inaudível].

E: É, bom, isso seria um bom homem. Mas... simplesmente um homem. O que diferencia pra você dizer não, eu sou um homem?

L: Não sei te dizer.

E: É no sentido: como você viveu desde a tua infância até hoje essa diferença entre isso é de homem e isso é de mulher, né, digamos isso. Isso me faz ser um homem, isso me faz ser uma mulher... Entende o que eu quero dizer? Nessa sua diferenciação. Como você vê isso na tua história pessoal?

L: Eu me vejo como um homem normal. Não me vejo como um homem violento. Me vejo assim... como um homem na defesa, aquele... Tá sempre na defesa, sempre querendo se defender, nunca querendo... partir pro mesmo lado, né? Ah, vou brigar, se é pra brigar, eu vou brigar, vamos se matar, vamos se bater, não. Pra mim é diferente se... se não houver... agressão e nem coisa física é bem melhor. Fica só num... na conversa ou num bate-bocazinho... mínimo ali, que cortou por ali, deu, acabou, morreu, enterrou, deu. Pra mim é bem mais tranquilo do que... discutir até tal ponto de chegar... a se pegar e coisa. Não vejo isso como um... título de homem (Luiz).

A concepção sobre o que é ser homem é narrada a partir da qualificação de “ser um bom homem”. Na conversação, ao ser retirado o adjetivo “bom”, ele parecer não sabe responder. Talvez possa ser estranho para ele pensar o que é ser um homem, sem este ideal de “bom homem”. Esta narrativa leva-nos a questionar sobre o que faz ele elaborar esta conexão. Quiçá por tentar induzir ao ouvinte a entendê-lo como um homem do bem, apesar da acusação de violência. Ou ainda porque este seria o modelo de homem “correto” que ele entende que deve ser. É interessante apontar que a ênfase dada na narrativa a esta questão sugere mostrar uma conotação moral de bem e mal, de responsabilidades. Não é incomum escutarmos em nossa sociedade o dito “seja homem, assuma suas responsabilidades, assumo o que fez, enfrente...” Questões sobre sua condição de homem na sociedade estão relacionadas a este aspecto, centrado na moralidade e racionalidade.

Na sequência ele se titula com “homem normal”, mas o que seria um homem normal? Um homem na defesa, como ele diz, e isso seria o que, um homem que sempre se defende? Então defender-se é normal de um homem? E um homem bom pode exercer violências contra mulheres? E quando o faz, talvez então teria boas razões para fazê-lo, o que o mantém nesta ordem de homem bom e correto, como defender os filhos, defender uma mudança de comportamento considerado equivocado de sua parceira, como também relata o participante desta pesquisa.

Estes aspectos nos remetem a questões éticas que levam muitos homens a entenderem-se como não “agressores” para justificar comportamentos violentos, sem cair em uma ordem de “maldade” ou “criminalidade” (BEIRAS; CANTERA 2012). Michel Maffesoli (2004) afirma que a racionalidade ocidental é herdada da tradição judaico-cristã, que associa o bem ao homem civilizado, racional e inocente. Nesta perspectiva, estas características podem ser corrompidas pelo mal, relacionado ao proibido, pecado, disfunção, sofrimento e agressividade. Por este motivo, ressalta o autor, nossa racionalidade é construída em cima de uma valorização da ordem, da hierarquia, perfeição e dever-ser, cuja representação maior é a imagem de Deus único. A desordem, o caos e a contradição estão associados ao mal e ao diabo. Portanto, a ética e a moral estão construídas pela perfeição e pelo dever-ser.

Ainda neste tema de conexões entre violências e masculinidades, o entrevistado Alfredo dá ênfase em sua narrativa à intelectualidade como uma ferramenta que torna o homem menos violento e machista, como exposto no recorte narrativo a seguir:

A: Cara, se for um cara... por exemplo... eh... ignorante... no sentido de ser... machista ao extremo... eu acho que é mais difícil de lidar... mais difícil de você... ter uma conversa com ele... ele vai achar que homem tem que ser daquele jeito e acabou... agora se for uma pessoa... que... talvez intelectualmente um pouco mais esclarecida... eu acho que é mais fácil... de você mostrar o caminho e a pessoa vai avaliar mais.

[...]

A: É, eu acho que é menos frequente e eu acho que... nesse ponto da conversa, pelo fato ele ser intelectualmente... eh... mais esclarecidos... eu acho que talvez eles/ não todos, mas... muitos iriam... procurar entender porque são assim (Alfredo).

A violência parece estar associada aqui a um sentido de falta de educação e instrução. Uma afirmação que é comum em muitos meios de comunicação e em conversas cotidianas, mas que pode estar carregada de preconceito, de um viés classista e um certo reducionismo. Neste caso um pedreiro, por exemplo, poderia ser muito mais violento que um executivo. No entanto, teóricos e estudiosos da violência masculina contra mulheres vêm apontando que, ainda que este aspecto possa ser algo a se considerar, não é crucial. Podemos ler a narrativa sem associar ao nível de poder aquisitivo ou acesso a recursos intelectuais e considerar que tanto ricos quanto pobres podem ser “ignorantes”. No entanto, muitas vezes este tipo de afirmação é utilizada para associar estas problemáticas ao contexto de camadas populares, isentando determinados grupos sociais. Alfredo segue sua narrativa dizendo:

Alfredo: [É, cara, porque eu/ porque eu teri/ porque eu tinha tudo/ porque eu tinha tudo pra ser violento também... [meu pai/  
Entrevistador: [E por que não é?, essa é a minha grande pergunta, [por que não é?... o que fez você () seguir outro caminho?  
A: [Então... exatamente... os estudos, entendeu, as minhas amizades... eh... os estudos, as minhas amizades, os esclarecimentos que eu tive... eh, em relação a isso... as leis... também, tudo... tudo... me esclareceu pra que eu não fosse desse jeito.  
E: Mas e que amizade?  
A: As amizades que eu tenho, as amizades que eu tenho com... com pessoas intelectualmente esclarecidas... universitários e... eu não tenho amizade com qualquer pessoa... entendeu, eu não tenho... amizade com pessoas que não... me agregam... algum conhecimento... são pessoas que... aparentemente não exercem violência... não tem intenção, são pessoas de paz, não são pessoas de guerra... [e isso influencia.  
A: Acho que a sociedade coloca isso, não sendo mais homem, mas se mostra... homem... não mais, mas se mostra homem... um pouco quando são... são violentos sim... se mostram... porque a mulher ela fica com... até um/ tanto a mulher quanto um outro homem... fica com um certo receio... de um cara violento, fala "pô, aquele cara ali", né... entendeu, você não vai chamar o cara, por exemplo, de bixa, você não vai chamar o cara [de viado, não vai... entendeu, não, você vai falar homem (Alfredo)

O entrevistado, no trecho acima dá ênfase a seu contexto de intelectualização que permitiu a ele outros olhares sobre as relações e diferenciação em sua socialização com outros homens e com as mulheres. Demonstra sua possibilidade de escolha em seguir um caminho onde a violência está presente e onde não está, bem como os fatores que são considerados para a escolha não violenta. As amizades são entendidas como grandes alicerces cuidadosamente escolhidos. A violência é vista, ainda assim, socialmente, como um símbolo de masculinidade e poder perante outros homens, segundo Alfredo. Um homem seria considerado mais homem por sua força, domínio e poder de ser violento (CONNELL, 1997; SEIDLER, 2009). A homofobia e o distanciamento do feminino também ficam evidentes na narrativa como elementos que constroem este jogo que configura o poder masculino (KAUFMAN, 1987, 1997; WELZER-LANG, 2001). Aqui percebemos bases que legitimam um sistema de poder, dominação e generificação de corpos e forças que dão suporte às desigualdades de gênero e a legitimações de violências que servem para demonstrar e manter esta hierarquização de homens diante de outros homens e de mulheres.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos questionar as narrativas estudadas analisando seus possíveis significados, uso de termos e determinadas palavras, temas e metáforas derivados destas narrativas pensadas social e culturalmente, que ao serem analisadas e ampliadas, permitem ao profissional que trabalha com a violência no casal propor intervenções que possam atuar na construção de novas narrativas, novas socializações e possibilidades de relações entre homens e entre homens e mulheres. Desconfiar do “normal”, do óbvio, do comum e da estrutura que se desenvolve e se mantém nas relações entre homens e mulheres é um passo fundamental na intervenção com a violência no casal e violência de gênero. Procuramos neste texto apresentar contribuições teóricas e reflexivas que permitam práticas transformadoras neste setor.

Destacamos a importância de explorar, questionar e desconstruir certas bases que acabam por contribuir para sustentar e reproduzir a violência na família e no casal, ao produzirmos intervenções comunitárias e/ou institucionais, principalmente no que se refere a narrativas que naturalizam desigualdades de gênero e violências. Essas narrativas muitas vezes servem de base para a construção de masculinidades tradicionais, onde a violência é parte constituinte e formadora da subjetividade masculina.

Podemos evidenciar nas narrativas estudadas, construções narrativas que podem produzir determinadas formas de legitimar, justificar e manter uma estrutura de relações de poder e de gênero. Tomando a linguagem como produtora de versões da realidade, ela torna-se uma ferramenta estratégica e potente para pensar e produzir mudanças e transformações sociais.

Esta pesquisa é um convite a aprofundar a atenção a determinados aspectos das narrativas de homens em nossa sociedade, identificando pontos/aspectos que podem ser trabalhados de forma a desconstruir determinadas lógicas e naturalizações e identificando aspectos chave para produzir transformações sociais e nas subjetividades dos sujeitos autores de violência. Neste sentido, o estudo de narrativas, o construcionismo social e as teorias de gênero pós-estruturalistas podem ser ferramentas teóricas relevantes e importantes para produzir estratégias de intervenção psicoterapêuticas ou de intervenção psicossocial mais eficazes, que contribuam para mudanças sociais mais amplas em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

BEIRAS, Adriano. **La (de)construcción de subjetividades en un grupo terapéutico para hombres autores de violencia en sus relaciones afectivas**. 2012. 378 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, Espanha.

BEIRAS, Adriano; BENVENUTTI, Mateus Pereira; TONELLI, Maria Juracy Filgueiras. Os feminismos como ferramentas teóricas e epistemológicas no trabalho com homens autores de violência contra mulheres - reflexões e debates nos contextos brasileiro e espanhol. *In*: Strey, Marlene Neves; Cúnico, Sabrina Daiana (Eds.). **Teorias de Gênero, Feminismos e Transgressão** (pp.204-218). Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016.

BEIRAS, Adriano et al. Políticas e leis sobre violência de gênero - reflexões críticas. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 36-45, 2012. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822012000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000100005&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 20 de mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000100005> .

BEIRAS, Adriano; CANTERA, Leonor Maria. Narrativas personales, construcción de masculinidades: aportaciones para la atención psicosocial a hombres autores de violencia. **Psico**. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 251-259, 2012. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/10023/8035>> . Acessado em: 02 Fev. 2020.

BONINO, Luis. (2004). Micromachismos. **Revista Cibeles**, v.1, n. 2, pp. 1-5. Disponível em: < [http://igualdad.us.es/pdf/redvoluntariadoviolenca/2016/RedVoluntariadoVG-2016\\_sesion-2\\_PDI\\_PAS\\_Los\\_micromachismos-Bonino.pdf](http://igualdad.us.es/pdf/redvoluntariadoviolenca/2016/RedVoluntariadoVG-2016_sesion-2_PDI_PAS_Los_micromachismos-Bonino.pdf)> Acessado em: 01 mar. 2020.

BONINO, Luis. (2008). Micromachismos - el poder masculino en la pareja "moderna". In LOZOYA, José Angel; BEDOYA, José María (Eds.), **Voces de hombres por la igualdad** (pp. 89.109). Disponível em: <<https://vocesdehombres.files.wordpress.com/2008/07/micromachismos-el-poder-masculino-en-la-pareja-moderna.pdf>> . Acessado em: 17 fev. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **La dominación masculina**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2003

BURR, Vivien. **Introducció al construccionisme social**. Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya, 1996.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 2016a.

BUTLER, Judith. Bodies that matter. **On the discursive limits of "sex"**. New York: Routledge, 2016b.

CONNELL, Robert William. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (Eds.). **Masculinidades** (pp.31-48). Santiago: Isis Internacional. FLACSO Chile, 1997.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso) . Acesso em 18 de março de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

EMERSON, Peter & FROSH, Stephen. **Critical narrative analysis in psychology: a guide to practice**. London: Palgrave Macmillan, 2009.

GELDSCHLÄGER, Heinrich; GINÉS, Oriol; PONCE, Álvaro. Grupo psicoterapêutico con hombres que ejercen violencia de género. In: CORTÉS, Neus Roca; SERRA, Júlia Masip (Eds.). **Intervención grupal en violencia sexista** (pp.344-368). Barcelona: Herder Editorial, 2011.

GERGEN, Kenneth. **An invitation to social construction**. London: Sage, 1999.

GERGEN, Kenneth; GERGEN, Mary. **Construccionismo social. Um convite ao diálogo**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

GERGEN, Mary. **Feminist reconstructions in psychology**. Narrative, gender, and performance. Thousand Oaks, California: Sage, 2001.

GOOLISHIAN, Harold; ANDERSON, Harlene. Narrativa e self: alguns dilemas pós-modernos da psicoterapia. In: SCHNITMAN, Dora Fried. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade** (pp.191-203). Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar, HEILBORN, Maria Luiza; RIAL, Carmen. Ponto de vista: entrevista com Joan Wallach Scott. **Revista Estudos Feministas**, v. 6, n.1, p. 114-124, 1998. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12037/11314> > . Acessado em: 18 jan 2020.

HAMMACK, Phillip; PILECKI, Andrew. Narrative as a root metaphor for political psychology. **Political Psychology**, 1-29, 2012. Disponível em: < <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.924.3525&rep=rep1&type=pdf> > Acessado em: 15 mar. 2020. Doi: 10.1111/j.1467-9221.2011.00859

HOLSTEIN, James A.; GUBRIUM, Jaber F. **The self we live by. Narrative identity in a postmodern world**. New York: Oxford University Press, (2000).

IBAÑEZ, Tomás. **Psicología social construccionista**. México: Universidad de Guadalajara, 2001.

ÍÑIGUEZ, Lupicínio; SIXTO, Felix Vásquez; UBACH, Teresa Cabruja I. Como construimos el mundo: relativismo, espacios de relación y narratividad. **Anàlisi: Quaderns de comunicació i cultura**, v.1, n. 25, 61-94, 2000. Disponível em: <

[https://www.researchgate.net/publication/28051592\\_Como\\_construimos\\_el\\_mundo\\_relativo\\_espacios\\_de\\_relacion\\_y\\_narratividad](https://www.researchgate.net/publication/28051592_Como_construimos_el_mundo_relativo_espacios_de_relacion_y_narratividad)> . Acessado em: 14 mar. 2020.

KAUFMAN, Michael. The construction of masculinity and the triad of men's violence. In: KAUFMAN, Michael (Ed.). **Beyond patriarchy**. Essays by men on pleasure, power, and change (pp.01-29). Toronto/ New York: Oxford University Press, 1987.

KAUFMAN, Michael. Las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. In: VALDÉS, Teresa, OLAVARRÍA, José (Eds.). **Masculinidades** (pp. 31-48). Santiago: FLACSO/ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

NOGUEIRA, Conceição; NEVES, Sofia; BARBOSA, Carlos. Fundamentos construcionistas sociais e críticos para o estudo do gênero. **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática**, v. 10, n. 2, 01-15, 2005. Disponível em: <  
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3954/1/artigo%20fundamentos%20construcionistas.pdf>> . Acessado em 15 mar. 2020.

QUINTEROS-TURINETTO, Andrés; CARBAJOSA-VICENTE, Pablo. **Hombres maltratadores**: tratamiento psicológico de agresores. Madrid: Grupo 5 Acción y Gestión Social, 2008.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative analysis**. Newbury Park. California: Sage, 1993.

RIESSMAN, Catherine Kohler. Analysis of personal narratives. In: GUBRIUM, Jaber. F.; HOLSTEIN, James. A. (Eds). **Handbook of interview research: context & method** (pp.695-710). London: Sage, 2001.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human sciences**. California: Sage, 2008.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. **Estud. psicol.**, Natal, v. 11, n. 1, p. 65-69, 2006. Disponível em  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2006000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000100008&lng=en&nrm=iso) . Acesso em 18 de março de 2020.  
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000100008>

SANTOS, Luis; NOGUEIRA, Conceição. Sexualidades masculinas, expressão emocional e afectiva: das (im) possibilidades construídas, às experiências de opressão. In: SANI, Ana Isabel (Ed). **Temas de vitimologia**. Realidades emergentes na vitimação e respostas sociais (pp.115-134). Coimbra: Almedina, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>> . Acesso em 18 de março de 2020.

SEIDLER, Víctor J. **La sinrazón masculina**. México: UNAM/Paidós/PUEG/CIESAS, 2000.

SEIDLER, Víctor J. La violencia: ¿el juego del hombre? In: Rodríguez, Juan Carlos Ramírez; Vázquez, Griselda Uribe (Eds.). **Masculinidades**. El juego de género de los hombres en el que participan las mujeres (pp. 113-129). Madrid: Plaza y Valdés, 2009.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, 460-482, 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>> . Acessado em: 18 mar. 2020.

## NOTAS

### **Adriano Beiras**

Professor Adjunto, Doutor Europeu em Psicologia Social (Universidade Autónoma de Barcelona, Espanha)  
Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, Brasil  
[adrianobe@gmail.com](mailto:adrianobe@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1388-9326>

### **Mateus Pereira Benvenuti**

Graduado em Psicologia  
Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Psicologia, Florianópolis, Brasil  
[mpbenvenuti@gmail.com](mailto:mpbenvenuti@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1463-5846>

### **Maria Juracy F. Toneli**

Professora Titular, Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (Universidade de São Paulo)  
Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, Brasil  
[juracy.toneli@gmail.com](mailto:juracy.toneli@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-9311-5020>

### **Camila Maffioletti Cavaler**

Mestranda em Psicologia  
Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, Brasil  
[camilamaffioletticavalere@gmail.com](mailto:camilamaffioletticavalere@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-2417-8017>

### **Endereço de correspondência do principal autor**

Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil

## CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** A. Beiras, M. P. Benvenuti, M. J. F. Toneli, C. M. Cavaler

**Coleta de dados:** A. Beiras, M. P. Benvenuti

**Análise de dados:** A. Beiras, M. P. Benvenuti, M. J. F. Toneli,

**Discussão dos resultados:** A. Beiras, M. P. Benvenuti, M. J. F. Toneli, C. M. Cavaler

**Revisão e aprovação:** A. Beiras, M. P. Benvenuti, M. J. F. Toneli, C. M. Cavaler

Caso necessário veja outros papéis em: <https://casrai.org/credit/>

## CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

## FINANCIAMENTO

CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, bolsa de pós-doutorado e bolsa de iniciação científica.

## APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovado pelo Comitê de Ética/ UFSC. N. do processo: CAAE: 16794013.6.0000.0121, data: 09/09/2013.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

## LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EDITORES

Javier Ignacio Vernal e Silmara Cimbalista

## HISTÓRICO

Recebido em: 24-03-2020 – Aprovado em: 24-09-2020 – Publicado em: 23.11.2020